

LE BON, FREUD E MANOEL CASTELS:

Três visões sobre o comportamento das massas

Marilia Muricy

Na obra dos grandes pensadores, nota-se duas características acentuadas. Uma delas é a de resistir à ortodoxia da verdade, da sua verdade, evitando impô-la à comunidade teórica. Outra, é a possibilidade de abrir janelas, interlocuções não suspeitadas, diálogos que nem sequer chegam a atingir a forma textual. Daí que na história do pensamento filosófico, a renovação do repertório não chegue a ser o elemento mais importante e os temas recorrentes se multipliquem, sob olhares distintos, que muitas vezes se cruzam, sem sequer se darem conta.

Quando, em 1894, Gustave Le Bon escreveu a sua “Psicologia das Massas”, seguramente não supunha, que, em 1921, Sigmund Freud estabeleceria com ele um extremamente fértil debate, que ultrapassa o tema específico para alcançar a dimensão de uma discussão, ontologicamente muito rica, acerca da condição humana.

Ao escrever sobre a Psicologia das Massas, Gustave Le Bon deixa claras as suas origens iluministas. Seu conceito chave é o do indivíduo, cuja consciência encontra-se aberta em direção a outros indivíduos, buscando superar a solidão e

vencer o medo. Diferentemente do que Elias Canetti iria dizer séculos após, o medo, para Le Bon não é o medo de outros indivíduos, de seu contato, de seu puro toque. Ao contrário, o que a consciência moral deseja é, pela aproximação com outros indivíduos, criar uma barreira de proteção capaz de evitar a solidão do eu.

Ocorre, entretanto, que ao constituir-se, pela similitude entre os indivíduos, a “alma coletiva”, costuma “pregar as suas peças” aos que nela buscam a totalidade e a quietude da consciência. Diz Le Bon: “O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes, ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Essa alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente do que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente. A massa psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos que por um instante se soldaram, exatamente como as células de um organismo formam, com a sua reunião, um ser novo que manifesta características bem diferentes daquelas possuídas por cada uma das células” (apud Freud, pág. 18 – do pág. 11).

A posição de Le Bon, marcada por uma sensível diferença entre a psicologia individual e a psicologia social afirma a dissolução das relações individuais ao interior do fenômeno de massa, sem que, no entanto, nos forneça uma explicação satisfatória para o processo pelo qual a massa se constitui. Tem-se a impressão de um despertar do sonho iluminista, da limpidez da consciência individual para o pesadelo de um mundo coletivo absoluto, sem espaço para as identidades individuais. Mas não se sabe como, nem bem porque, tal passagem ocorreu.

Também não constam do horizonte teórico em que se movimenta Le Bon os achados da sociologia, segundo a qual a precedência da vida social sobre a vida individual contém conotações positivas, tal como se encontra em Durkheim e suas teses de solidariedade social. Seu conceito primordial é o indivíduo cujas singularidades são devoradas pela massa até a completa extinção.

A obra de Gustave Le Bon, à sua época, quem sabe se por prenunciadora da crise da modernidade e da extinção dos “paraísos artificiais” da plenitude do indivíduo, obteve ampla repercussão e, de algum modo, preserva sua atualidade quanto aos aspectos descritivos, quando confrontada com alguns fenômenos que hoje ocorrem.

Não obstante o tormento da “alma coletiva” não abandonou suas raízes cartesianas, na exaltação da

superioridade do eu. Como pano de fundo para os impulsos que afinal conduziriam o indivíduo ao terror da sua própria dissolução, o sentido do “bom” permanece presente, tal e qual em suas origens filosóficas. Posição claramente diferenciada da que se encontra em Nietzsche, “o filósofo da suspeita” como o chama Ricoeur, que, buscando amparo na sociologia de Spencer, critica os “historiadores da moral”, considerando mais razoável entender “o bom” como “útil”, “conveniente”, e de tal modo buscando demonstrar, que pelo uso dos conceitos bom e mal, a humanidade teria tão somente confundido experiências cuja base real era a do conveniente x nocivo (Genealogia da Moral pág. 20).

“Mais dura ainda que a crítica do autor de “Genealogia da Moral” é o comentário de Freud, dirigido a Le Bon e que pode ser assim resumido: Onde estará, no autor de “Psicologia das Massas” a explicação da passagem do bom individual para o mal coletivo da massa? O que conduziria o indivíduo a abandonar a plácida serenidade do bem que o impulsionaria ao contato com outros indivíduos, substituindo-a pela ferocidade da conduta que adota, como parte da massa?”

Os comentaristas da obra de Freud costumam destacar que, até como resultado de sua recusa em estabelecer linhas entre o “eu consciente” e o “inconsciente”, o conceito de “bom” é inaplicável,

quando se cuida de conhecer a alma humana. Alguns, como Mario Eduardo Costa Pereira, chegam a referir-se à “nada santa alma freudiana” E diz “A alma freudiana, sem se confundir com o inconsciente coletivo de Jung, não é solipsismo absoluto, pois está em continuidade com a tradição humana, e com a alma grupal expressa no laço social. Para Freud, a experiência da realidade não tem nada a ver com se perceber as coisas tais como elas efetivamente são, mas sim com concebê-las e recortá-las segundo coordenadas simbólicas compartilhadas com o restante do grupo humano” (Rev. Cult, Ed., nº 175, pág. 39).

Em resumo, faz falta a Freud uma adequada explicação, por parte de Le Bon quanto a formação da massa. Daí, a indagação: O que é então uma massa?; de que maneira adquire ela a capacidade de influir tão decisivamente na vida psíquica do indivíduo?; em que consiste a modificação psíquica que ela impõe ao indivíduo? (pág. 17, grifos nossos).

Embora concordando com a descrição factual elaborada por Le Bon quanto ao comportamento da massa, chama a atenção: “Toda tentativa de explicação deve ser precedida pela descrição daquilo a ser explicado” (pág. 17).

A crítica de Freud adquire assim, maior nitidez. O que falta a Le Bon é a identificação do elemento que

faz com que os indivíduos, na massa, se unam entre si. E é esse fator de união que Freud vai encontrar no conjunto de sua teoria psicanalítica, destacando, na estrutura do eu, elementos do inconsciente. Enquanto para Le Bon, o estudo do indivíduo na massa pode ser identificado ao comportamento hipnótico, envolvendo altas doses de sugestibilidade, Freud prefere buscar, para entender o contágio que se constitui entre os elementos da massa, dados que já compõem o repertório de sua teoria psicanalítica. Para quem, como ele, o âmago da consciência moral é o medo, há na massa, como fator fundamental para explicar a ilusão das responsabilidades individuais, a forte presença da fantasia e dos desejos reprimidos. De modo semelhante ao que ocorre com os neuróticos não é a realidade objetiva que interessa, mas sim, do mesmo modo que no sonho e na hipnose, observa-se a marca, na atividade anímica, da culpa das intenções censuráveis que não tiveram ocasião de se realizar.

Freud não poupa Le Bon da censura de haver repetido teses que há, muito antes, já eram conhecidas. Também o acusa de limitar-se a análise das massas efêmeras, constituídas por motivações passageiras. E, contrapondo-se, quer a Le Bon, quer à sociologia de pressupostos equivalentes, conclui: pela fragilidade das referenciais nelas em uso, como a sugestão e a importância do prestígio do líder.

Prefere, por isso, invocando a inatualidade de noções criadas três décadas atrás, valer-se do seu conceito de libido, precioso em todo o conjunto de sua obra e de uso adequado para o estudo das neuroses. O conceito de massa, então, distingue-se de suas origens negativas para associar-se a ideia da energia fundamental que, de modo semelhante ao amor, aproxima os homens.

Energia vital dos instintos amorosos, é ela que, de acordo com o criador da psicanálise, conduz à massa. É o poder de Eros, ao entender de Freud, que mantém unido o homem e, se na massa, o indivíduo permite afetar-se pela sugestão oriunda de outro, abandonando a sua própria identidade, o faz não por oposição aos outros, mas por “amor a eles.” Tudo isso, associado ao forte efeito das frustrações produzidas pela censura, que em nenhum momento se ausenta da dinâmica das forças psíquicas.

Muito tempo após o “debate” entre Le Bon e Freud, a obra de Manuel Castels vem trazer à discussão sobre o comportamento das massas, novos aportes. Estes, entretanto, tem a marca da sociedade contemporânea e se referem ao que, com a atualidade semântica, Castels denomina de movimentos sociais. Em sua obra, a explicação sobre o que agrega os indivíduos em comportamentos imprevistos e inusitados, escapa a quaisquer raízes que possam ser diretamente

extraídas da psicologia. Sua ênfase é dada ao sentimento de injustiça partilhado pelos indivíduos, em sociedades extremamente desiguais. Além disso, os modos de formação dos “movimentos sociais” ocorrem a partir do encontro virtual entre pessoas anônimas, que se unem em torno das redes sociais. O elemento unificador é a associação entre o medo e a desesperança:

“Ocorreu quando ninguém esperava. Em um mundo aprisionado pela crise econômica, o cinismo político, o vazio cultural e a desesperança, simplesmente ocorreu”. () Não havia previsão racional para o que começava a se desenvolver, em dado momento, fortalecido com a presença de milhões de pessoas anônimas, que manifestavam a sua insatisfação contra o cinismo dos “magos das finanças”, dos “políticos corruptos” e, como não poderia deixar de ser pelo comportamento altamente suspeito dos meios tradicionais de comunicação.

Em seu livro recém publicado, Castels aposta permanência dos movimentos sociais em rede e garante que seguirão lutando, ainda que suscetíveis à mudança no processo de sua formação, que ele identifica como mundo virtual da internet. Permanecerão enquanto se mantiver o binômio indignação/esperança. E ainda – é o que afirma – que mudanças estruturais da sociedade venham a conduzi-los à formação de partidos ou alguma nova

forma de protagonismo político, continuaremos a defrontar uma questão fundamental: “a produtividade social e histórica de sua ação e os efeitos sobre seus participantes como pessoas e na sociedade que buscará transformar. Nesse sentido, é cedo ainda, para avaliar o resultado final desses movimentos.”(pág 231)

Le Bon, Freud, Castels cada um há seu tempo buscando entender o que une os indivíduos em grupos sociais, identificados, em certo momento, pelo comprometimento das individualidades e pela imprevisibilidade das condutas. Distintas origens, circunstâncias diversas, fundamentos distintos. De todo modo, um enigma para ser enfrentado pelas formas atuais da racionalidade, que insiste em preservar suas origens formais.

